



EULÁLIA ABREU, 85 ANOS, FILHA DE UM MILITAR DA REVOLTA DE 1931

DO RESPEITO À INSEGURANÇA

► **Viver no centro do Funchal era coisa que não a deixava nada tranquila nos últimos tempos. Uma pessoa de idade sente-se muito insegura, por causa da pequena violência urbana, os assaltos e os roubos... No Lar da Santa Casa da Misericórdia de Machico, a senhora Eulália e o marido reencontraram o sossego de outras épocas, quando havia muito mais respeito entre as pessoas...**

DUARTE CAIRES (texto)
Duarte Sá (foto)

Ao falar da insegurança que sente nos dias que correm, quando vai de passeio na rua, a Dona Eulália não reparou no meu cabelo comprido, amarrado atrás, ao nível da nuca. «Se vou a um café — dizia — e vejo rapazes cabeludos... não me sinto segura!» Depois, quando a coloquei perante a evidência do meu rabo-de-cavalo, ela sorriu e revelou que há outros aspectos da aparência que dão a entender se se trata ou não de uma pessoa perigosa. E perigoso não é o caso do jornalista...

Dona Eulália Abreu faz 85 anos no mês que vem e não pode deixar de notar que antigamente havia mais respeito entre as pessoas. «Não é como hoje, que eu vejo coisas que nunca vi», suspira, enquanto conversamos sentados frente a frente, num pequeno gabinete do Lar de Terceira Idade da Santa Casa da Misericórdia de Machico.

Há quem lhe diga que o desrespeito dos dias de hoje já existia antes, só que a televisão não mostrava. «Mas também não havia televisão», esclarece. E, de repente, assalta-lhe uma recordação. «Eu lembro-me que estava em Lisboa quando vi televisão pela primeira vez numa montra...» Depois, ocorre-lhe dizer que na altura se vivia em ditadura, que não é como hoje, em que todos dizem mal do Governo e ninguém vai preso.

«Hoje há muita liberdade, mas as pessoas não a sabem respeitar», considera. De alguma forma, um dos preços a pagar pela liberdade é aquela sensação de insegurança que ela sente nas ruas. Mas a liberdade cobra sempre algo aos que a têm e aos que lutam para a ter.

TEMPOS AGITADOS

O pai da senhora Eulália, por exemplo, pagou com a deportação para os Açores a participação na Revolta da Madeira. Ele era mestre de música, mas também sargento-ajudante do Exército português.

«Numa revolução que houve por aí, ele foi preso», conta-nos. Semicerra os olhos, à procura da memória: «Parece-me que foi qualquer coisa ligada com a política. Não me lembro muito bem. Eu era pequena. Tinha 13 anos, talvez.»

A primeira prisão do seu pai foi no Jardim Municipal, que naquele tempo era vedado a toda a volta e fechado durante a noite. «Parece

que, quando os de Lisboa entraram aqui, prenderam todos os sargentos e outros militares no Jardim...», diz-nos, lembrando que foi uma época conturbada para a família. «Nós éramos sete irmãos. O meu pai chamou a minha mãe e deu-lhe indicações de onde tinha algum dinheiro, que foi dando para remediar... Mas foram tempos difíceis! É claro que eu era pequena e não me apercebia do que se estava a passar ao certo!»

Tal como muitos dos militares que participaram na Revolta da Madeira, o pai da senhora Eulália era natural do continente, do Norte. Veio para a Madeira e casou-se com uma madeirense. Depois da deportação para os Açores, acabou por ir viver de novo para o continente com a família, que só regressaria à ilha após a sua morte.

Nessa altura, a senhora Eulália tinha 20 anos. Viajou sempre de barco, mas lembra-se da época dos hidroaviões. Lembra-se mesmo da passagem pela Madeira dos célebres Gago Coutinho e Sacadura Cabral, pioneiros da aviação portuguesa. Diz que fazia parte da multidão que os foi ver à beira do Jardim Municipal.

DOMINGOS PRESBITERIANOS

Apesar das dificuldades, aqueles eram tempos sossegados e a cidade do Funchal era calma e com poucos carros. «Não havia tanta produção como hoje», dizia. «Não era como hoje, que há tanta fartura!»

Durante a Segunda Guerra Mundial, as coisas pioraram, pois não havia petróleo. As luzes acendiam-se com óleo de baleia, mas durante a noite tudo tinha de ficar às escuras, por causa dos aviões que eventualmente cruzassem os céus a caminho dos campos de batalha.

Aos domingos, era costume a senhora Eulália acompanhar o pai à igreja presbiteriana, na Rua do Conselheiro, onde ainda hoje em dia ela se ergue. O pai, ao contrário da mãe, era protestante e tocava lá piano. A propósito, falámos das perseguições religiosas, coisa

que ela não sentiu na pele, mas de que ouviu falar. Sabe que os crentes daquela igreja tiveram de fugir, andaram escondidos em grutas e muitos embarcaram.

Ela, pelo contrário, nunca teve necessidade de emigrar, nem para fugir, nem para trabalhar. «É claro que as coisas não eram tão boas como agora, mas, graças a Deus, nunca precisei de ir trabalhar», diz-nos com um suspiro. As suas viagens têm sido sempre para visitar familiares.

UM REGRESSO ÀS ORIGENS

Um dia, numa época em que ainda não havia frigoríficos, mas em que também ninguém comprava coisas para um mês inteiro, a senhora Eulália foi a uma festa de anos e ali conheceu aquele que viria a ser o futuro marido. O seu nome ficou completo: Eulália de Jesus Teles Alves Rolhas e Abreu. Tiveram uma filha.

A vida correu tranquilamente, com os sobressaltos habituais dos dias que vão passado, com as rotinas que se fazem e as que se quebram, a ida à mercearia, a visita a casa dos familiares.

Depois, aconteceu o 25 de

Abril, uma revolução que, ao contrário daquela em que o pai participava, há mais de 40 anos, levou a melhor sobre o regime. E vieram os tempos da liberdade, aqueles em que todos dizem mal do governo e ninguém vai preso; mas também aqueles em que as pessoas não se sentem tão seguras...

«Quando vivia, agora recentemente, na Rua dos Aranhas, não podia deixar de pensar que nos podiam assaltar, porque vivíamos ali sozinhos, duas pessoas de idade...», desabafa a senhora Eulália. E confessa sem inibição: «Tinha um medo que não faz ideia! Eu tremia, que não imagina!»

As coisas melhoraram bastante quando ela e o marido se instalaram no Lar de Terceira Idade da Santa Casa da Misericórdia de Machico. Ali, respiram segurança, conforto, amizade... E não deixa de ser um regresso às origens, já que a avó da senhora Eulália era natural de Machico, do sítio dos Maroços...

